



O PAPEL DO PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR: METODOLOGIAS E COMPETÊNCIAS

Elder Olinto de Moraes, Kennya de Lima Ribeiro

INTRODUÇÃO

A formação e qualificação do professor do Ensino Superior é um tema que vem sendo amplamente discutido. No geral, o êxito da carreira do docente vai além da formação superior; é fundamental que o docente busque constantemente, meio de melhorar e aprimorar seu conhecimento, através de leitura e cursos específicos, para que a prática do ensino alcance a meta estabelecida pela instituição.

De acordo com Pinto (2003), competência significa “um saber agir, que implica transferir conhecimentos, habilidades, que agreguem valor econômico a organização e valor social ao indivíduo”.

Assim, o docente precisa considerar que suas competências pedagógicas vão além do conhecimento técnico e repasse de informações. O professor deve buscar estratégias que possibilite uma aprendizagem significativa, na qual o professor deve interagir com o estudante, instigando sua participação e, principalmente, evidenciando as suas potencialidades.

Entretanto, quando o docente não desenvolve suas competências pedagógicas de forma eficaz, o processo de ensino aprendizagem é, de certa forma, abalado, ocasionando consequências negativas no acadêmico. Dentre as mais comuns, destacam-se: falta de interesse com a aprendizagem, passividade, individualismo, dificuldade de raciocínio, falta de criticidade, desmotivação e evasão.

Por isso, é necessário que o professor universitário reflita sobre suas metodologias e suas competências, de modo a cumprir com o seu papel de facilitador e orientador educacional, visando estimular o acadêmico a desenvolver suas habilidades e criticidade.

DESENVOLVIMENTO

Pedagogia X Andragogia

O que a legislação supõe é que o adulto aprendiz requer uma filosofia educacional específica, com métodos peculiares, para potencializar os objetivos educacionais expressos nas Diretrizes Curriculares Nacionais e corroborados nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação ministrados nas instituições de ensino superior.

Esta filosofia se resume na “Andragogia”, conceito que surgiu na década de setenta como teoria específica de educação de adultos no contexto de uma perspectiva educacional permanente e continuada ao longo da vida, exigindo reflexões e propostas para um novo público que passaria a integrar os sistemas de ensino de maneira formal ou informal.

A palavra Andragogia, de origem grega - andrós, homem e gogos, guiar ou conduzir- refere-se à educação dos adultos, em oposição à Pedagogia, ciência da educação de crianças.

Se analisarmos a situação atual do ensino superior no Brasil, vemos que muitos dos problemas existentes na educação de pessoas adultas estão associados com a adoção de um modelo pedagógico, isto é, os alunos adultos são tratados utilizando-se recursos da Pedagogia, que é o estudo do processo de aprendizagem de crianças, voltado para seres imaturos e heterônomos.

A Andragogia, pelo contrário, é uma metodologia que busca promover o aprendizado da autonomia por meio da experiência, fazendo com que a vivência estimule e transforme o conteúdo, impulsionando a sua assimilação. O adulto aplica os conhecimentos construídos: é o aprender através do fazer, o “aprender fazendo”. O processo de



ensino e aprendizagem, do ponto de vista andragógico, procura tirar o máximo proveito das características peculiares dos adultos para que os resultados deste processo culminem numa aprendizagem mais fácil, profunda e criativa levando em consideração as experiências dos educandos e seja relevante para as práticas cotidianas.

Atualmente a nova configuração da sociedade, cujo conhecimento está ancorado no acesso instantâneo às informações, exige competências que corroborem com estas expectativas.

Metodologias Ativas

Considerando a educação superior e o contexto andragógico em discussão, encontramos em Freire (1996) uma defesa para as metodologias ativas, com sua afirmação de que na educação de adultos, o que impulsiona a aprendizagem é a superação de desafios, a resolução de problemas e a construção do conhecimento novo a partir de conhecimentos e experiências prévias dos indivíduos.

Podemos entender que as Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos.

Mitri et al. (2008) explicam que as metodologias ativas utilizam a problematização como estratégia de ensino/aprendizagem, com o objetivo de alcançar e motivar o discente, pois diante do problema, ele se detém, examina, reflete, relaciona a sua história e passa a rever suas descobertas. Segundo os autores, a problematização pode levar o aluno ao contato com as informações e à produção do conhecimento, principalmente, com a finalidade de solucionar os impasses e promover o seu próprio desenvolvimento. Aprender por meio da problematização e/ou da resolução de problemas de sua área, portanto, é uma das possibilidades de envolvimento ativo dos alunos em seu próprio processo de formação.

Dentre as metodologias ativas podemos exemplificar:

- a) Estudo de Caso: o aluno é levado à análise de problemas e tomada de decisões. Os alunos empregam conceitos já estudados para a análise e conclusões em relação ao caso. Pode ser utilizado antes de um estudo teórico de um tema, com a finalidade de estimular os alunos para o estudo.
- b) Sala de Aula Invertida: Sala de aula invertida é o nome que se dá ao método que inverte a lógica de organização da sala de aula. Com ela, os alunos aprendem o conteúdo em suas próprias casas, por meio de vídeo-aulas ou outros recursos interativos, como jogos ou arquivos de áudio. A sala de aula é usada para a realização de exercícios, atividades em grupo e realização de projetos. O professor aproveita para tirar dúvidas, aprofundar no tema e estimular discussões.
- c) PBL – Aprendizagem Baseada em Problemas: Podemos entender que as Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos. A característica mais importante no PBL é o fato de uma situação-problema sempre preceder a apresentação dos conceitos necessários para sua solução.

Desenvolvimento de Competências

Diversos autores são unânimes no que diz respeito à importância do desenvolvimento de competências para a prática do ensino superior.



Para Perrenoud (2001), a noção de competência não descarta a importância dos saberes, porém, compreende ainda a sua aplicação. Neste sentido, o autor cita a definição de competência elaborada por Le Boterf, deixando claro o significado de competência na ação profissional.

A competência não reside nos recursos (conhecimentos, capacidades...) a serem mobilizados, mas na própria mobilização desses recursos. A competência pertence à ordem do saber para mobilizar. Para haver competência, é preciso que esteja em jogo um repertório de recursos (conhecimentos, capacidades cognitivas e capacidades relacionais) (LE BOTERF apud PERRENOUD, 2001). O referencial escolhido acentua as competências julgadas prioritárias, por serem coerentes com a política educativa. São elas:

1) Organizar e dirigir situações de aprendizagem. O bom professor não é apenas o que informa conteúdos, mas um especialista em aprendizagens, que reconhece os meios para propiciá-la, adaptando-os à sua disciplina, ao nível etário dos alunos e às condições ambientais de que dispõe.

2) Administrar a progressão das aprendizagens. Muitas vezes, a mudança que o professor implanta no decorrer do ano letivo se dá apenas com relação ao conteúdo que ministra, esquecendo-se que o aluno muda a toda hora, a cada dia.

3) Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação. Nossa escola impõe, de forma ditatorial, para alunos diferentes, com dificuldades diferentes, com níveis de aprendizagem diferentes, aulas rigorosamente iguais, provas idênticas e critérios de aprovação e retenção uniformizados. É possível pensarmos em um ensino em que as aulas se organizem de forma diferente do usual, criando novos espaços de formação e de avaliação de modo que cada aluno vivencie, tanto quanto possível, situações “ótimas” de aprendizagem.

4) Envolver os alunos na aprendizagem, e, portanto, na sua compreensão de mundo. Um aluno não vai à escola apenas porque quer aprender. Na maior parte das vezes, não quer aprender, odeia assistir aulas ou fazer lições, acha “chato” estudar, detesta ter que suportar professores, mas a obrigatoriedade da escola não admite objeções e o professor tem que administrar aulas, para os que querem e para os que não querem aprender. Nasce aí uma das mais difíceis e complexas competências do ofício de professor: estimular os alunos e fazê-los gostar de aprender.

5) Aprender e ensinar a trabalhar junto e a trabalhar com equipes. Trabalhar verdadeiramente em conjunto com os colegas e ensinar os alunos a trabalhar e aprender em equipes torna-se uma necessidade imperiosa para a evolução do ofício do educador de maneira geral. Uma competência a trabalhar no ensino é ensinar aos alunos como trabalhar juntos e aprender, com os colegas, como efetivamente formar uma equipe docente.

6) Dominar e fazer uso de novas tecnologias. É impossível não admitir que a tecnologia invadiu a vida cotidiana e que, nos tempos de agora, saber operar um computador e suas linguagens é tão importante quanto saber cozinhar ou saber se conduzir no trânsito. A escola, e bem o diz Perrenoud (2000, p. 128), “não pode ignorar o que se passa no mundo” e as tecnologias de informação e de comunicação impuseram novas formas de relacionamento interpessoal e de pensar o dia-a-dia. É essencial assumir que os momentos são outros e que entre as competências essenciais a um professor se incluem as que estão vinculadas às novas tecnologias.

7) Vivenciar e superar os conflitos éticos da profissão. São competências difíceis, no entanto é preciso buscá-las desenvolvendo, na ação em sala de aula, pelo menos quatro competências: prevenir dentro da sala de aula qualquer tipo de violência; lutar contra todas as formas de preconceito e discriminação; participar da criação de regras de conduta quanto à disciplina e a comunicação em aula; desenvolver a consciência de sua profissão e o sentimento de responsabilidade, solidariedade e justiça.

8) Administrar sua própria formação e enriquecimento contínuo. Houve um tempo em que ao professor bastava conhecer os conteúdos da disciplina que ensinava e nada mais. Nesses tempos, os conteúdos duravam muito e



não se vivia o frenesi de mudanças que novas descobertas trazem e que a Internet populariza. O professor de hoje precisa investir na educação permanente. Como lembra Perrenoud (2000, p. 155), “uma vez constituída, nenhuma competência permanece adquirida por simples inércia”. Para o autor, as competências não são “pedras preciosas que se guarda em um cofre, onde permaneceriam intactas, à espera do dia em que se precisasse delas”.

Corroborando com o entendimento sobre as competências do professor universitário, Vasconcelos (2002, p. 92), sintetiza o que um profissional completo para a função docente necessita possuir:

- a) formação técnico-científica, para ter domínio técnico do conteúdo a ser ministrado; b) formação prática, conhecimento da prática profissional para a qual os seus alunos estão se formando; c) formação política, isto é, reconhecer a educação como uma prática isenta de neutralidade, cujas ações são políticas e intencionais;
- d) formação pedagógica, edificada no fazer cotidiano da profissão docente, metodologicamente desenhada, ou seja, para ensinar, em qualquer nível, o professor necessita ter conhecimento didático.

CONCLUSÃO

Ao discorrer sobre as competências docentes no ensino de nível superior no Brasil, Masetto (2002) relata que, nas últimas duas décadas, tem havido grandes movimentos sobre a atividade docente, revelando-se significados e valores até então pouco considerados. Destaca que a docência universitária exige competências próprias e profissionalismo, com a finalidade de contribuir efetivamente para colocar na sociedade cidadãos corretos e profissionais competentes.

Ao ensino superior cabe a missão de formar profissionais críticos e reflexivos, aptos a viverem em um mundo de constantes transformações, capazes de construir novos conhecimentos baseados em informações do mundo ao seu redor, e dotados de profundo senso ético e humano.

Para tanto, o professor deve estar preparado, dotado das competências necessárias a um ensino transformador.

Com base no exposto, percebe-se que a profissão docente se apresenta hoje como um desafio sem precedentes, talvez até superior aos desafios empreendidos em qualquer outra profissão. Requer que o professor conheça profundamente o campo do saber que pretende ensinar e que seja detentor de necessário senso crítico e conhecimento da realidade que o cerca, para fazer uma análise criteriosa do conteúdo a ser transmitido. Precisa ser suficientemente preparado para, com base neste mesmo conhecimento e amparado na complementaridade da perícia de seus pares, ser capaz de produzir um novo conhecimento, inovando e criando (VASCONCELOS, 2002).

REFERÊNCIAS

- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MASETTO, M. (org) *Docência na Universidade*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2002.
- MITRI, S. M.i; et al. *Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais*. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/redalyc/pdf/630/63009618.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2009.
- PINTO, Joselice. *O papel da competência na formação do profissional*. Disponível em: <<http://www.fadepe.com.br>>. Acesso em: 30 set. 2010.
- PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Trad. Patrícia Chitoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 2000.
- PERRENOUD P. *Escola Reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- VASCONCELOS, M. L. M. C. *Contribuindo para a formação de professores universitários: relato de experiências*. In: MASETTO, M. (Org). *Docencia na Universidade*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2002.